

A DEMONIZAÇÃO DA RELIGIÃO (VODU) E SEUS IMPACTOS NA VIDA DA PRIMEIRA REPÚBLICA NEGRA DO MUNDO: O HAITI

Renel Prospere

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI. Doutor e Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGA da FURG. Mestre e Especialista em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação FaE da UFPel. Bacharel e Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da UCPel. Atualmente ocupa o cargo de Coordenador da Assessoria de Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente e Infraestrutura do Estado de Rio Grande do Sul.

"Haiti é um farol elevado das Antilhas, em direção ao qual os qual escravos e seus senhores, os oprimidos, e opressores voltem seus olhares, aqueles suspirando, estes rugindo."
(Abade Henrique Grégoire)

RESUMO:

Neste artigo pretendo fazer uma análise acerca da demonização da religião (Vodu) da Primeira República Negra do mundo. Contudo, é importante ressaltar que, poucos autores exploraram a fundo esta cosmovisão na cultura do povo haitiano. A política do ocidente criou um estereótipo deslegitimando o vodou como uma religião e disseminou através da indústria hollywoodiana com diversos filmes que essa religião é nada mais que uma coleção de práticas bárbaras, atrasadas, selvagens

e sem qualquer lógica subjacente. O vodou, arrisco a dizer, é uma herança dos africanos escravizados que abarca um conjunto de relações e elementos que se fazem e se refazem ao longo do tempo e se perpetua até os dias de hoje como a maior forma de resistência que o ocidente já conheceu.

PALAVRAS-CHAVE:

Haiti. Vodou. Cultura. Discriminação.

ABSTRACT:

In this paper I intend to make an analysis about the demonization of the religion (Voodoo) of the First Black Republic of the world. However, it is important to note that few authors have explored in depth this worldview in the culture of the Haitian people. Western politics has created a stereotype delegitimizing voodoo as a religion and has disseminated through the Hollywood industry with several movies that this religion is nothing more than a collection of barbaric, backward, savage practices without any underlying logic. Voodoo can risk saying that it is an inheritance from enslaved Africans that encompasses a set of relations and elements that are made and remade throughout time and is perpetuated until today as the greatest form of resistance that the West has ever known.

KEYWORDS:

Haiti. Voodoo. Culture. Discrimination.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XVIII, *São Domingos* da Ilha *Hispaniola* (o atual Haiti e República Dominicana), foi considerada a colônia mais próspera do novo mundo. Entre relatos sobre riqueza dos colonos escravocratas, encontravam-se também descrições do dia-a-dia dos escravos, suas práticas sociais, culturais e supostamente religiosas e, sem sombra de dúvida, a violência aterrorizante que os escravos foram submetidos. Após a abolição da escravatura e com a independência em 1804 e por um esforço paranoico das metrópoles coloniais, atualmente os países imperialistas insistem em não reconhecer a independência do Haiti, também conhecida como a jovem nação caribenha. A partir daí, o país tem sido punido pela ousadia de se rebelar para libertar seus escravos da dominação pela colônia francesa, e por receio de que o sucesso da Revolução Haitiana pudesse influenciar a paisagem colonial do Caribe e das Américas, estabeleceu-se um isolamento econômico que perdurou até a primeira metade do século XX. Não só exclusivamente com relação ao Haiti, mas entre os séculos XVIII e XIX tiveram um projeto de branqueamento que impossibilitava a propagação das famílias negras nas Américas, tal projeto que foi bem sucedido em alguns países e em outros não.

Assim sendo, o exercício de apreender a nossa inserção no mundo como povo implica o desafio de tentar compreendê-lo com o passar do tempo. Mutações e dinâmicas sócio-culturais desarticulam ideias formadas. A realidade posta ou percebida reconfigura-se a partir da intervenção de fatos já existentes, mas muitas vezes passam despercebidas ou ocultas.

Segundo Appiah (1997) no capítulo “Velhos deuses, novos mundos” da sua monumental obra intitulada: *Na casa de meu pai*, mostra com todo rigor filosófico a importância do quanto é crucial fazer algumas distinções no que diz respeito à crença religiosa de um povo. Para ele, é fundamental compreender o conteúdo das crenças subentendidas nos atos de um exercício religioso, de um lado, entender de que forma essas crenças se constituíram na cultura, de outro, é necessário termos em mente pelo menos três dimensões/compreensões separadas: um-compreender o ritual e as crenças que lhes são subjacentes; dois - entender as Gênesis históricas do ritual das crenças e por último, compreender o que os sustenta. É neste contexto que trago para este dossiê um elemento fundamental da cultura da primeira negra do mundo que é o “Vodu”, por acaso, é religião, é resistência, é uma forma de estar sendo o mundo na visão dos haitianos?

1 O VODU A ORIGEM E SEU CONTEXTO HISTÓRICO NO HAITI

É importante ressaltar que o Vodou chegou ao Haiti com os negros vindo da África, nos séculos XV e XVI. Mas é principalmente sob a colonização francesa que surgiu a questão do vodou propriamente dita. Portanto, ele é formado através de múltiplos elementos que vêm aqui e ali das crenças de todos os povos que viviam naquele território, dessa forma, pode-se encontrar vários elementos, tais como: indígenas, africanos e europeus, resumindo é uma mescla muito fascinante.

O termo *Vodou* originou-se na tradição religiosa *teísta-animista*, com raízes primárias entre os primeiros povos

Fon-Ewe da África Ocidental. Encontra-se na ortografia beninense, no país atualmente chamado Benin, antigo *Reino do Daomé* e de outras ortografias foneticamente equivalentes no crioulo haitiano *vodu*. Com relação a história e a tradição do conceito “vodu”, no reino de Daomé e no Togo, principalmente entre as tribos pertencentes à família linguística dos *Fon*, o *vodu* significa, um deus, um espírito, sua imagem. Os servidores das divindades são os *hounsi* (em *Fon hû*, divindade e si, esposa); o sacerdote é o *houngan*, quer dizer, o “senhor do deus”.

A religião Teísta-animista, têm sua origem nos povos *Fon-Ewe* da África Ocidental, hoje Benin, antigo reino de Daomé. O *vodu* não é apenas uma religião é um sistema de cuidados de saúde e prevenção de doenças. As crenças *Vodu* acreditam na existência dos seres espirituais que vivem na natureza, com forte repressão pela Igreja Católica Apostólica Romana e pela elite haitiana, como superstição. Processo semelhante de criminalização dos cultos religiosos africanos no Brasil.

O *Vodu* como ressalta Blanc¹, “não é apenas uma religião, é também um sistema de cuidados de saúde, incluindo a saúde mental, que inclui práticas de cura, a promoção da saúde e prevenção de doenças e promoção do bem-estar coletivo e pessoal (2010)”. Também, representa a religião popular do povo haitiano, a religião sincrética, cujos principais componentes são baseados

nas crenças antigas das tribos negras do continente Africano, em particular do *Daomé*. *Vodu* consiste numa religião na qual há uma estreita ligação com a natureza, não no sentido de que a natureza é adorada, mas sim, no sentido de que os crentes acreditam que o homem está profundamente inserido e é um microcosmo onde o mundo inteiro pode ser lido. Há uma hierarquia de forças e dos seres, em que tudo está incluído: os deuses, animais, plantas e minerais. Os praticantes da religião *vodu* acreditam profundamente na existência dos seres espirituais que vivem na natureza.

Conforme Laënnec Hurbon², o culto do *Vodu*, na cultura haitiana, está na base do desejo do haitiano de reportar-se ao lugar em que os acontecimentos e o sentido das coisas têm explicação e não devem ser abalados no seu próprio universo simbólico. Assim, do ponto de vista hermenêutico, os haitianos estão sempre em busca de recompor na atualidade, a ruptura histórica com a África perdida de seus antepassados (HURBON, 1987).

Os aportes a cerca do *Vodu* haitiano neste artigo revela-se de fundamental importância, porque tal crença para muitos representa um elemento crucial na formação cultural do povo haitiano. Embora, muitas vezes, seja mal interpretado e discriminado pelo fato de indivíduos não saberem e ou não compreenderem sua importância na formação cultural deste povo. É com essa

¹ Psicólogo francês, prestou ajuda no Haiti após o terremoto em 2010.

² Laënnec Hurbon é um sociólogo haitiano nascido em Jacmel (Haiti). Ele é doutor em Teologia (Instituto Católico de Paris) e em Sociologia (Sorbonne) é diretor de pesquisa do CNRS e professor da Universidade de Quisqueya de Port-au-Prince (Haiti), é um dos membros fundadores desta instituição. Laënnec Hurbon é especialista em estudos como; religião, cultura e política. Ele é autor de vários livros sobre o *vodu* haitiano.

pretensão que almejamos fazer uma abordagem dialética³ acerca dessa crença. Por que uma abordagem dialética? Justificamos a tentativa de buscar um movimento de retorno acerca da história e da cultura haitiana em relação à Igreja Católica. Por que a Igreja Católica? Pelo aspecto sincrético que faz parte do cotidiano do povo haitiano.

Para tanto, não se pode falar do Vodou haitiano sem referir-se à Igreja Católica Apostólica Romana. É importante lembrar que o Cristianismo decretou na década de 40 uma campanha chamava anti-supersticiosa contra o Vodou, mas foi um fracasso, pois após a campanha, a prática Vodou se reforçou, estabelecendo-se em todo o território nacional. Porém, é importante ressaltar, que, a campanha anti-supersticiosa não desapareceu por completo no espírito da pequena elite haitiana e nem no conjunto do clero da Igreja Católica.

“Por outro lado, se a religião católica se apresenta como a religião da civilização, religião da “sociabilidade”, o praticante do vodou sente-se reduzido a um ser primitivo, supersticioso, seguidor de Satã. Rejeitar essas práticas avitas passa a ser então algo até honroso para ele. Ei-lo imitando a civilização, a sociedade, o estrangeiro, o “branco”, o burguês”. (HURBON, 1986, p. 26).

É importante lembrar que, mesmo após a independência do Haiti, a religião Vodou continua sendo combatida pelo sistema político do país. Para reforçar essa reflexão, trazemos as ideias de

Bourdieu (1976), que entende que as fronteiras religiosas só podem ser extinguidas por meio de uma revolução simbólica correspondente a uma profunda transformação política. Dessa forma, o povo haitiano que resistiu à escravidão, conseguiu desorganizar a ordem política, porém, esse processo não foi seguido por uma modificação da ideologia dominante que foi, durante muito tempo imposta pelo brancos. Não obstante, a maior parte do povo haitiano mantenha a prática do Vodou, é importante dizer, que foi introjetado sobre o mesmo, um imaginário social de que o Vodou é inferior às demais religiões, e que a cultura ocidental é o símbolo de progresso, desenvolvimento e civilidade.

O que se pode observar, é que a missão civilizatória do Cristianismo alocou o povo haitiano num mar de contradições. A sua prática religiosa popular foi violentada de tal maneira que se transformou numa crença alimentada por uma população mergulhada na contradição, mas que ao mesmo tempo insiste na busca da sua existência ao praticar essa religião, carregada de vergonha e estigma, que foi posto sobre a mesma, pela ideologia dominante colonizadora.

Sabemos que uma boa parte da África foi dividida e transplantada para o Novo Mundo, de tal maneira que há várias etnias africanas presentes no continente americano. O registro da continuação da África nas três Américas está longe de ser extenuante. Notamos que os laços

³ A origem da palavra é o grego *diálegein*, “argumentar” ou “conversar”; em Aristóteles e outros autores, esta palavra tem sentido de “argumentar para uma conclusão” “estabelecer por meio de argumento”. Após século XII, a dialética esteve cada vez mais associada às disputas formalizadas, praticadas nas universidades. Lembrando que Kant na *Crítica da Razão Pura* – Dialética transcendental, e Marx na obra *O Capital*, empregou o método dialético de Hegel para gerar uma crítica interna da teoria e prática do capitalismo. (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE, 2006).

culturais africanos conseguiram afastar-se das etnias e sobreviver fora delas; no entanto, muitos africanos puderam, ao mesmo tempo, viver na aparência, conseguiram adaptar-se às civilizações escravagistas como a portuguesa, a espanhola, a anglosaxã e a francesa que chegaram a impor sua predominância nas respectivas colônias. (HURBON, 1987)

[...] de qualquer modo, a África está tão presente na América que já se pode falar na existência de três Américas: a branca, a índia e a negra. Na América do Norte, por exemplo, pode-se encontrar nas ilhas Gullah e da Virgínia a predominância das culturas *Fanti-Ashanti*; em Nova Orleães predomina a cultura do *Daomé* e *Bantu*; na América Central, a Cultura Ioruba; no Haiti e norte do Brasil, a do *Daomé (Fon)*; na Jamaica, nas ilhas Barbados e em Santa Lúcia encontra-se a cultura dos *Kromonti* da Costa do Ouro; nas Guianas holandesa e francesa, *Fanti-Ashanti* (HURBON, 1987, p.65).

O reconhecimento dos traços culturais africanos é tão forte nas três Américas, que resultou na contribuição dos negros de origem africana no desenvolvimento econômico, social, político e tecnológico das três Américas. Dessa forma, é fundamental promover políticas públicas ou afirmativas que possam ajudar a reduzir a desigualdade entre as etnias. Por isso, reconhecemos importante - no caso do Brasil - os governantes promoverem políticas afirmativas, embora haja opiniões antagônicas a respeito das mesmas, e que no caso deste estudo, não pretendemos discutir essas políticas. Neste capítulo, como relatamos anteriormente, é uma reflexão a cerca do Vodou, que pretende delinear sobre aspecto cultural, religioso e

principalmente sua relação com a natureza.

É importante salientarmos que o processo da escravidão está definitivamente marcado na memória dos negros das Américas. Esse artifício significa, para muitos negros, ruptura, abalo e, às vezes transforma-se numa espécie de pesadelo na consciência dos afro-americanos. Um dos objetivos do processo de escravidão era fazer que os negros esquecessem sua origem; então, proibiam os cultos africanos e os escravos eram forçados a aceitar a religião do colonizador, que era o Cristianismo através do batismo. Diante desse acontecimento, o Vodou haitiano teve um papel decisivo, contestador para a resistente ordem estabelecida que era o sistema escravagista daquela época.

[...] Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avôs. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o vodou foi a primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo *Marronage* (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos, das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores branco. É aí, nessas comunidades de resistências, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o vodou é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos (HURBON, 1987, p.67).

Conforme a citação acima, podemos afirmar que o Vodou apresenta-se como uma resposta à exploração do cativo, em relação ao poder imperialista, social, cultural e econômico dos brancos daquele momento, ou seja, uma forma de resistência dos escravos em relação aos seus senhores. Na realidade, a prática do Vodou, nas colônias, significava, desde cedo, uma linguagem própria, a consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) e dos opressores (senhores).

Não se pode expor a importância do Vodou na luta anti-escravagista no Haiti sem se referir ao *François Mackandal*⁴ ou *Makandal* escravo originário da Guiné. Ele que, em 1757, assumiu o comando de um bando fugitivo, utilizou a crença do Vodou como compromisso e incutiu, em seus seguidores, que, para sair da escravidão, era necessário esse engajamento através um pacto de confiança absoluta, e ética que é o (Vodou). Até hoje, a figura do *Makandal* é venerado, como profeta no Haiti.

[...] 1791: uma cerimônia do Vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma (HURBON, 1987, p.69).

*Dutty Boukman*⁵ - nome importante na história do Haiti - foi quem organizou essa cerimônia de Vodou junto com um

grande número de escravos na noite de 14 de agosto de 1791. Um porco preto foi sacrificado e os assistentes beberam o sangue para se tornar invulneráveis, na noite de 22 de agosto de 1791, quando os escravos começaram a queimar as plantações e massacraram os colonizadores. Durante dez dias, a planície do norte estava em chamas. Cerca de 160 usinas de açúcar e centenas de plantações de café foram queimadas. Essa cerimônia chama-se "*Ceremonie du Bois-Caïman*". Na história do Haiti, ela é considerada o ato fundador da revolução e da guerra pela independência. Foi a primeira grande revolta dos escravos contra o sistema da escravidão daquela época como havíamos mencionado anteriormente.

É importante lembrar que, em 1793 as autoridades coloniais sentiam-se ameaçadas, devidos às intensas rebeliões feitas pelos escravos na colônia, ao pedir o fim da escravidão. Entretanto, sabe-se que os escravos não queriam só a liberdade, exigiam autonomia absoluta, queriam a retirada total dos exploradores e colonizadores na ilha, porém, todas essas rebeliões muitas vezes foram marcadas por derrotas, mas isso, não era motivo para eles deixarem de lutar, sempre acreditaram no pacto da liberdade que foi feita através do Vodou. Por isso, "O caráter político do Vodou tornou-se tão evidente que tudo se fez para impedir qualquer manifestação religiosa dos negros" (HURBON, 1987, P. 66).

⁴ (Em crioulo haitiano : *Franswa Makandal*), morreu em Cabo Francês (agora Cap-Haitien ou Cabo Haitiano) em 20 de Janeiro de 1758 , era um escravo fugitivo, que liderou várias rebeliões no noroeste da ilha de Santo Domingo. Foi um "bossale" (um escravo nativo Africano), às vezes descrito como um sacerdote do vodou ou *houngan*. Acusado de "sedução, profanação e envenenamento" pelas autoridades coloniais da França, ele foi condenado à morte por sentença de 20 de Janeiro de 1758. Sua personagem, que continuam a espalhar muitos mistérios, deu origem a lendas. Hoje em dia Mackandal é muitas vezes considerado um símbolo do sistema anti-escravidão, e é considerado uns dos precursores da Revolução Haitiana de 1791.

⁵ Foi um *houngan* (sacerdote do Vodou haitiano) que conduziu a cerimônia considerada catalisadora da revolta de escravos que marcou o começo da Revolução Haitiana.

2 O VODU COMO SINOPSE CULTURAL

É importante lembrar que a palavra “cultura” apareceu no final do século XI, edesignava terra cultivável para produzir alimentos, também era sinônimo de agricultura, falava-se de monocultura e de policultura. Permaneceu com esse sentido único até a metade do século XVI quando os humanistas da era do Renascimento lhe atribuíram sentido figurado, sinônimo de *espírito*. No século XVIII, os iluministas lhe atribuíram outros sentidos tais como, a educação, costumes. Na mesma época, a palavra cultura começou a ser usada como sinônimo de Civilização, ligado ao sentido de progresso e evolução. No século XIX, a palavra cultura instalou-se definitivamente no ramo da antropologia. Esta disciplina buscará colocar em evidência essa síntese. A cultura é entendida como uma totalidade, e o sentido primordial dessa síntese é buscar o fundamental sentido que dissolve sua unidade e sua totalidade (DESCARDES, 1999). Nota-se que uma cultura é antes de tudo, uma visão de mundo, mais do que uma religião, e o Vodou na cultura haitiana, é sem dúvida o centro do universo simbólico do ser haitiano. Ele é o sistema interligado de princípios que rege a conduta dos seus seguidores. Ademais, o Vodou não é somente um conjunto de elementos ou princípios espirituais, ele é um modo de vida, é uma filosofia de vida, um código de ética que regula o comportamento social dos seus adeptos.

E para encerrar nossa abordagem sobre o conceito de cultura, ela pode

ser compreendida dessa maneira, todas as formas adquiridas de conduta que um grupo de pessoas unidas por uma tradição comum, que se transmite de geração em geração (...). Este termo significa, portanto, não apenas costume, e sim, a tradição de uma determinada sociedade artística, científica, religiosa e filosófica, com suas próprias técnicas, suas recordações políticas e os diversos estilos que caracterizam a vida cotidiana.

É por isso, o vodou não pode ser compreendido como uma coisa excêntrica que causa somente admiração do exotismo do lado turístico.

Se o vodou representa um modo de adaptação original dos negros, mesmo assim é preciso vê-lo dentro do impulso geral de restauração de todo o sistema africano em função das condições novas que os negros encontrarão em seu novo país. No nível linguístico, por exemplo, o encontro das línguas africanas com as línguas europeias produzirá o crioulo, que é hoje a língua nacional no Haiti. Lá se encontra o vocabulário francês: o angevino, o de Poitou, o normando, etc., todos do século XVII. Há também elementos indígenas, espanhóis, ingleses. Mas é preciso lembrar que a dispersão dos grupos étnicos nas plantações obrigava os escravos a utilizar o vocabulário francês corrente; onde há pobreza do vocabulário africano em crioulo. Em compensação, no domínio do sagrado, encontra-se importante vocabulário pertencente à família linguística dos fon: vodou=espírito, deus=Ôsi em fon: Ô ou divindade, si = esposa; *govi* = cântaro; *asõ*= brinquedo sagrado; *ûtç*= tambor; e os próprios nomes dos *Loas* etc. Graças às pesquisas sobre as línguas africanas feitas nos últimos anos, reconhece-se no crioulo base gramatical específica que lhe confere coesão e estatuto de língua (HURBON, 1987, p.72-3).

Assim, é importante ressaltar que o vodu representa, de um lado, a expressão de relação de classes no Haiti, como religião e cultura por excelência das camadas populares, ele é visto e taxado por alguns de superstição primitiva ao mesmo tempo em que seus adeptos, muitas vezes, são explorados pelas classes dominantes; de outro lado, o vodu representa aquilo que Bastide⁶ (1968) compreendia como a “dialetização do social” no sentido em que o Vodou é linguagem que reflete as situações locais e da diáspora. Assim, todas as camadas exploradas da população haitianas tentarão descobrir um lugar de invulnerabilidade em relação à seus exploradores, por isso, o vodu pode ser considerado como um elemento crucial na formação da população haitiana, principalmente na luta contra a pobreza e a miséria. Vale à pena ressaltar que, no vodu pode-se encontrar uma experiência religiosa autêntica, uma linguagem cultural válida como outra, no qual seus adeptos estão sempre neste contínuo movimento de compreender e dar sentido ao mundo e à existência da vida (HURBON, 1987).

3 VODU E O KREYÒL HAITIANO

Ao falar de outros elementos da cultura haitiana, devemos nos remeter imediatamente a um alicerce fundamental que é o idioma Kreyòl (Crioulo), a língua mãe. Ela é falada por todos os haitianos, seja ele rico ou pobre, seja ele intelectual ou analfabeto. É elemento essencial para entender esse processo que contribuiu e continua contribuindo na formação da cultura deste povo, embora o *Kreyòl*⁷ já fosse muito discriminado no passado no Haiti, principalmente pela elite haitiana. Mas, ele não deixa de ser um marco histórico, um símbolo importante dessa cultura.

Cabe lembrar que, até 1987, antes da nova constituição haitiana, o francês era a única língua oficial do país. A língua materna (Kreyòl) era desprezada pela elite dominante e da classe abastecida. No entanto, o Kreyòl, continua a ser um atributo poderoso e de autenticidade. “Pergunte a um haitiano o que ele pensa de vodu, como crioulo, trazê-lo para revelar suas posições de classe, mas também a sua visão política, sua concepção de luta política e sua visão para o futuro da sociedade haitiana” .

Por isso, no Haiti falar somente Kreyòl, é sinal pertencimento de uma classe social “inferior”, mas também, se fala francês é sinônimo de pertencente de status social “Superior”, e, portanto mais acessível para um cargo de alto

⁶ Bastide, Roger, Prefácio a *Reforme et révolution dans les sociétés traditionnelles*, Pereira de Queiroz, Antropos, Pariz, 1968.

⁷ O crioulo haitiano (*kreyòl ayisyen*), também conhecida como *créole*, é um idioma falado por quase toda a população do Haiti, várias línguas influenciaram o Crioulo haitiano, dentre dos quais o taino (nativo da ilha) as algumas línguas do oeste da África (ioruba, Fon, ewé) e o Francês língua dos colonizadores. Desde 1961, por esforços de Félix Morisseau-Leroy e outros, o crioulo haitiano foi reconhecido com língua oficial ao lado do francês, que fora até então único como idioma literário desde a independência dessa nação em 1804. Desde o escritor Morisseau-Leroy, seu uso literário vem crescendo embora ainda seja pequeno. Desde a década de 1980, ativistas, dentre os quais educadores e escritores, vêm enfatizando o orgulho da literatura crioula, havendo neste século XXI muitos jornais, programas de televisão e de rádio no idioma. **Fonte:** http://pt.wikipedia.org/wiki/Crioulo_haitiano acessado em jan. de 2021.

escalão no governo local e com uma remuneração alta. Porém, a língua Kreyòl, é o elemento chave que mantém a tradição do povo viva até hoje, e cultivam os saberes ancestrais na cultura.

Sabemos da importância da cultura na formação de um povo. Do ponto de vista antropológico, o que distingue realmente um povo em relação a outro são os traços culturais; por isso, antes falar de um povo, de uma população, de uma sociedade é importante saber quais são os laços culturais que caracterizam esse povo. A partir daí, podemos encontrar premissas ou fundamentos necessários para fazer críticas, ou não a esse povo. Desse modo, analisando o conceito de cultura, consideramos extremamente difícil falar de uma cultura repleta de significados, de símbolos, sem ter uma base hermenêutica capaz de dar suporte às formas de interpretações que possam surgir. De acordo, o sociólogo e antropólogo Laënnec Hurbon (1987) ressalta que, o filósofo francês, hermeneuta *Paul Ricoeur* entende que:

O projeto da hermenêutica comporta triplo pressuposto: inicialmente, o interpretante mantém-se sempre no terreno de uma tradição particular e não fala de parte alguma; em seguida, partindo desse terreno, ele procura suprimir a distância que o separa do objeto a ser interpretado; enfim, esse objeto a interpretar é um discurso significativo que, como tal, já veicula uma primeira interpretação. Ele conclui que toda interpretação consiste em iniciar movimento através o qual se procura não apenas compreender o objeto a ser interpretado, mas também compreender a si mesmo. A hermenêutica não passa por cima de uma linguagem, mas se apóia sobre múltiplas expressões significativas que lhe oferecem (HURBON, 1987.p.50, Apud. PROSPERE, 2011, p. 92-93).

Esse projeto tridimensional da hermenêutica que *Paul Ricoeur* destaca na citação acima, não deixa de ser um projeto arquitetônico do sentido e pode ser entendido e ser nomeado de duplo ou múltiplo sentido. Ou seja, é a semântica das demonstrações que constituem a camada simbólica sobre a qual a hermenêutica deve se sustentar para descobrir o sentido camuflado por trás do sentido ilusório. Dessa forma, é possível nos apropriarmos da importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana, que são repassados de geração para geração. Esses saberes são repletos de sentidos e significados simbólicos, dentro da cultura local. (PROSPERE, 2011).

Assim, o valor simbólico dentro da cultura local é tão importante quanto à gênese da própria linguagem (oral) e de toda vida comunitária e social; então, é fundamental sabermos que toda cultura deve ser entendida como um conjunto de traços simbólicos. Portanto, a cultura haitiana herdada dos negros escravizados, originários da África, continua sendo transmitida pelos mais velhos ou pode ser chamada de “enciclopédia antiga”, ou seja, aqueles que são responsáveis por contar a história no tempo e espaço e a genealogia da família para os mais novos.

Entretanto, por incrível que pareça, a invasão da cultura norte-americana, devido ao grande êxodo de migração haitiana para os Estados Unidos da América, acabou colocando a cultura local em risco. Dessa forma, é fundamental resgatarmos a cultura local da república livre do Novo Mundo, para que esta deixe de ser vista como um elemento e/ou

fenômeno antigo, de pouco valor, embora, o que importa para muitos, neste novo século, é a novidade, é o mundo que gira em torno do projeto capitalista insustentável. Apesar disso, acreditamos que os ensinamentos que são repassados de gerações para gerações são de extrema importância para a sustentação dessa cultura local. (PROSPERE, 2011).

É importante destacar que a figura da matriarca é fundamental na cultura haitiana. Ela é a principal responsável para a transmissão dos ensinamentos orais sobre a trajetória da família, da cultura local. Também ensina as boas maneiras. Há décadas essa figura é onipresente na formação do caráter ou da personalidade das crianças. No entanto, não acontece somente no seio familiar, mas de forma coletiva também. Por isso, na cultura haitiana, as pessoas com idade avançada ou idosas, são consideradas como as velhas enciclopédias familiares, são tratadas com muito respeito, não são descartáveis como acontece em outras culturas que as colocam em asilos ou lares de idosos, depois de uma idade muito avançada. Ao final de conta, no final da vida, os nossos pais se tornam os nossos filhos e é o nosso dever cuidar-los e amá-los, isso é o ciclo da vida.

Nesse contexto, o grande desafio hermenêutico deve levar em conta de que a forma de evolução do tempo e os grandes avanços tecnológicos vão ao encontro de um diálogo com a cultura local, sem perder sua própria inserção na linguagem histórica e sem suprimir a heterogeneidade daquela cultura, colocando sempre a hermenêutica como

lugar por excelência do diálogo, do entendimento e de reconhecimento. Assim, faça-se necessária a valorização da cultura local em todos seus aspectos, ou seja, os laços a que mantêm unidas. (PROSPERE, 2011).

É importante dizer que o idioma *Kreyòl* (Crioulo haitiano) percorreu o mesmo caminho que o vodu, desempenhando o mesmo papel: "veículo da herança ancestral, transmitida por múltiplas vozes, nosso idioma tem agora é parte integrante do nosso patrimônio cultural. De fato, nada pode impedir que continue a desempenhar o seu papel histórico como instrumento de coesão e de unidade nacional".

De acordo com Jean Price Mars (1998), um dos maiores intelectuais haitianos, teórico da escola Indigenista do Haiti, destacou o *Kreyòl* na cultura do país da seguinte maneira: "nosso crioulo é uma criação coletiva, emanada da necessidade que os escravos tinham para se comunicar, cultivar e manter suas tradições oralmente, esse idioma vir a perpetuar e transformar, e é através dele que pode-se esperar um dia preencher a diferença de um povo aparentemente distintas e muitas vezes antagônicas".

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe lembrar, que mediante a brutal violência a qual os negros vindos da África foram submetidos, nas plantações de cana de açúcar no Caribe naquela época, tal estrutura fez com que a França ficasse muito rica. Mas, também é importante frisar que, os colonos brancos eram cruéis, consideravam que os negros eram seres inferiores e sem humanidade. Então não restava outra opção a não ser lutar pela liberdade. Perdão não era uma opção.

É importante destacar que diante de tudo aquilo, era somente o Vodou que poderia oferecer aos combatentes e revolucionários haitianos uma conexão identitária, estabilidade emocional e motivação para lutarem por sua liberdade. Pois, o sistema escravagista naquele momento definia com clareza seu objetivo que, era reforçar o projeto de desumanização dos povos africanos e suas diásporas, assim seria fácil de serem dominados.

Considero fundamental fazer essa releitura desses processos culturais que permanecem vivos e decodificam o mundo à sua maneira por meio de símbolos. Cabe lembrar que a exploração e a violência, vivida pelos negros originários de vários grupos étnicos da África no período de colonização no Haiti, por mais violentas que tenham sido em todo este processo, não podem continuar a serem vistos como coisas (embora tenham sido coisificados pela escravidão). Ao contrário, desde o início da devastação colonial, foram sujeitos capazes de organizar simbolicamente os novos

elementos impostos pelo sistema escravocrata. Nessa luta pela sobrevivência como seres humanos, o vodou foi fundamental para superar todo aquele sofrimento imposto pelo colonizador.

Longe de encerrar este debate, com os aspectos que foram abordados ou mencionados a respeito do Vodou no universo simbólico da cultura do povo haitiano, pretendo apenas abrir para reflexão acerca da relação entre a cultura oprimida e as relações de poder nas Américas, a partir de elementos ritualísticos que compõem a essência do vodou no Haiti.

REFERÊNCIAS

APPIAH, K. A. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BASTIDE, R. **As Religiões Africanas no Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1971.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** São Paulo: Difel, 1985.

BLANC, A. **Rekonstriksyon: la pratique clinique médiée en situation de post-urgence.** Haiti: Port- au- Prince, 2010.

CASIMIR, J. **La culture Opprimée :** Port-au-Prince. Haiti: Media-Texte Fokal, 2006.

_____. O Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos. **Revista universitas** : relações internacionais, Brasília, v. 10, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2012.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: UFBA, 2008.

_____. **Os Condenados da Terra.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

_____. **Sociologie d'une révolution.** Paris: François Maspero, 1966.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HURBON. *El bárbaro imaginário.* México: Fondo de Cultura Económico, 1993.

_____. **O Deus da resistência negra: o vodu haitiano.** São Paulo: Paulinas, 1987.

PRICE-MARS, J. **Ainsi parla l'Oncle.** Porto-Príncipe: Imprimeur II, 1998 [1928]

PROSPERE, R. **A Educação ambiental em Tempos de Crise: Desafios e propostas após a catástrofe haitiana** (Dissertação de Mestrado/FURG), 2011.